



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

A ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS DA UFRJ NO PERÍODO DO GOVERNO MILITAR (1972-1979): MEMÓRIAS DE UM CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Guilherme Gonçalves Baptista
Gustavo da Motta Silva

RESUMO

O objetivo do presente trabalho foi de investigar os discursos sobre a prática do curso de formação de professores da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ durante o Governo Militar entre 1972 e 1979. Adotaram-se como referenciais teóricos os estudos voltados para a compreensão da História Oral e da Memória. Os resultados apontaram para uma série de peculiaridades e “desvios” que caracterizaram essa formação, demonstrando que nem sempre as prescrições oficiais pareciam se apresentar de forma similar na prática.

PALAVRAS-CHAVE: História da Educação Física; Formação de professores; Escola de Educação Física e Desportos UFRJ.

INTRODUÇÃO

Essa comunicação apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado defendida em 2013 que teve como objetivo geral analisar como ocorria o processo de formação de professores na Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) no período do regime militar entre 1968 e 1979. Nesse texto, em especial, objetiva-se investigar os discursos sobre a prática desse curso durante o Governo Militar entre 1972 e 1979¹.

Escolheu-se como marco inicial o ano de 1972, por ser o ano de elaboração do novo Regimento da Escola responsável por promover uma série de modificações e como limite final o ano de 1979, pois foi quando se iniciou uma nova discussão para a reformulação do curso. Sendo assim, o recorte demarca os primeiros anos após a adoção do novo Regimento.

Antes de ser Escola de Educação Física e Desportos (EEFD), a mesma denominava-se Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD). Vinculada à Universidade do Brasil (UB), a ENEFD foi criada em 17 de abril de 1939 através do Decreto-Lei nº 1.212 com o intuito de formar técnicos em Educação Física e Desportos, além de imprimir e difundir o

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



ensino, a pesquisa e, de forma geral, os conhecimentos da área por todo o país (BRASIL, 1939).

Inicialmente, sem um prédio ou *campus* próprio, a ENEFD foi instalada em três locais: no Instituto Nacional de Surdos e Mudos, nas instalações do Fluminense Football Club e do Clube de Regatas Botafogo gerando alguns problemas no processo de ensino e aprendizagem (PINTOR, 1995). A ida da Escola para o *campus* da Praia Vermelha ocorreu entre o final da década de 1940 e o início de 1950, fruto da luta de professores, alunos e funcionários e representou uma melhor integração da ENEFD com a Universidade do Brasil, uma vez que os professores começaram a participar de organizações e Conselhos Universitários (MELO, 1996).

As décadas de 1960 e 1970 representaram um período de transformações para esta instituição, uma vez que, em 1965, por meio da lei n. 4831, ocorre a modificação do nome da Universidade do Brasil para Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (FÁVERO, 2010), mudança essa acompanhada pela ENEFD que, em 1968, passa a se chamar Escola de Educação Física e Desportos (EEFD). Em 1972 ocorre a inauguração do novo *campus* na Ilha do Fundão na gestão da professora Maria Lenk², além da reformulação do Regimento da EEFD (RAMOS, 2009).

OS PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O *corpus documental* desta pesquisa consistiu em uma articulação de fontes orais, através da análise do depoimento de quatro professores que vivenciaram o período. Adotaram-se como referenciais teóricos os estudos voltados para a compreensão da História Oral (LOZANO, 1996; FERREIRA e AMADO, 1996; JOUTARD, 2000) e da Memória (POLLACK, 1989; NORA, 1993; MOTTA, 1998; DELGADO, 2006).

Para Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998) o documento representa qualquer registro escrito que pode ser utilizado sozinho ou articulado com outros instrumentos de coleta de dados. Todavia, tratando de uma pesquisa de cunho historiográfico, entende-se que

² Maria Lenk era uma professora de muito prestígio para a Instituição, a Educação Física de uma forma geral e para o esporte brasileiro, sendo recordista mundial de natação e pioneira ao competir em uma Olimpíada (Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1932) (FIGUEIREDO, 2012). Recebeu a titulação de professora emérita da Escola e foi a principal idealizadora do projeto de construção do novo *campus*, após viajar para Europa com o intuito de visualizar outras Instituições de Educação Física (IDEM). Para mais informações ver: <http://www.eefd.ufrj.br/conhecendo-a-eefd/1286>.



desde a “Escola de Annales” há uma noção ampliada do mesmo que caminha para além de sua vertente puramente escrita, uma vez que até no documento escrito outros aspectos estão imbricados a ele, como objetos e signos, por exemplo (VIEIRA *et al.*, 2000).

Joutard (2000) destaca que mesmo com um grande número de arquivos escritos relacionados à História da Educação, é importante que se complemente estas fontes com pesquisas orais, pois para o autor: “É através do oral (...) que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico” (p.34). Deste modo, através do depoimento, pretende-se produzir fontes e registros que, analisados à luz da metodologia da história oral (FERREIRA e AMADO, 1996), contribuirão para o estudo e compreensão do objeto de pesquisa.

Todos os documentos consultados e analisados no presente estudo encontram-se arquivados Centro de Memória Inezil Penna Marinho da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ (CEME-EEFD).

OS DISCURSOS SOBRE PRÁTICA E AS MEMÓRIAS DOS SUJEITOS

Os estudos relacionados à memória apresentam algumas evidências de que o trabalho com a mesma não é trivial e requer cuidados específicos. Um ponto destacado na literatura é sobre a distinção entre memória e história. As duas não deveriam ser tratadas como sinônimos, reconhecendo as particularidades de ambas, como reflete Nora (1993, p. 9):

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma a outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível (sic) de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é sempre a construção problemática e incompleta do que não existe mais.

Já Delgado (2006) acredita que a oposição entre história e memória não existe concretamente, pois existiriam tanto atribuições distintas quanto complementares entre elas, ocasionado, desse modo, uma relação fértil. Esse caráter intercomplementar proposto pela autora pode ser identificado quando ela comenta sobre uma memória estimulada, caracterizada pela produção de fontes orais e pela defesa de uma preservação documental e de um patrimônio cultural, procurando “extrair” da memória seu caráter espontâneo e transformando-a em fonte de produção científica.



Ao abordar especificamente algumas questões relacionadas à memória, Pollack (1989) busca analisar diversas características da mesma a partir do esquecimento e do silêncio. Logo, para o autor, a memória seria: “[...] essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, [...] em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades [...]” (p. 7).

Outra característica inerente à memória está relacionada aos apelos do presente, os quais retiram do passado elementos que visam conferir a esse passado uma forma ordenada e sem contradições (MOTTA, 1998). Considera-se, conseqüentemente, a memória como uma construção social formada a partir da relação entre passado e presente (PINTO, 2012).

Ao analisar todas as entrevistas, parece que a parte técnica e a prática eram, para grande parte dos sujeitos entrevistados, um fator relevante nas disciplinas teórico-práticas do curso de formação de professores. Ao narrar sobre as disciplinas ministradas no período, a professora Margarida Menezes forneceu indícios sobre essa preocupação com a técnica³:

(...) porque ou nadava, ou não saía da Escola. E eu fazia assim, por isso que eles ficavam danados e eu falava: “Olhe, você está faltando à aula, você não vai passar, você não tem condições, você tem que nadar, eu não me incomodo de vir aqui às seis horas da manhã e você vir aqui sozinho.” Eu dava sempre todas as oportunidades possíveis. Então, no primeiro ano, era aprendizagem de todos os estilos, quando era de dois anos, no segundo ano, era a metade de salvamento. Nesse que tinha salvamento, vinha um trabalho de resistência, de nadar 1.000 metros e todos nadavam e fazia todos os nados de salvamento. Natação, na prova inicial que eles faziam (...) tinha que nadar um estilo bonito e saía todo satisfeito da vida, e eu dizia: “Você não sabe nadar ainda, porque natação é respiração, quando você domina bem o mecanismo respiratório, você sabe nadar. (...) Eu dizia: “Não, boa respiração, boa posição da cabeça, boa posição do corpo, estilo perfeito.” A minha lição era muito simples (risos). (MENEZES, 2012, Depoimento)

Ao comentar sobre as disciplinas Natação, o professor Waldyr Ramos⁴ também reconheceu o caráter prático da mesma, criticou o objetivo do curso e ressaltou a grande taxa de reprovação:

Quando eu entrei para professor, o curso já era semestral. Mas ainda assim as aulas eram diárias e a exigência era muito alta. Os alunos para serem aprovados tinham que fazer uma prova de 100m de nado de crawl, costas e

³ Ela ministrava as disciplinas Natação I e II e Natação Sincronizada.

⁴ Ele entrou na EEFD na área de Natação e depois também assumiu a disciplina Polo Aquático.

peito, 50m de nado borboleta e uma prova de 200m medley. Essa prova não podia parar, uma prova de 200m medley é muito difícil até para quem é atleta. Podia nadar devagar, mas não podia parar. Mas só você ter que começar com 50m de borboleta para fazer mais 150m dos outros nados, isso era mortal para aqueles alunos que não tinham tido a chance de ter experiência de natação anterior. (...) Havia uma boa taxa de reprovação, principalmente dos alunos mais pobres. Quando eu entrei aqui isso era tão grave que a gente tinha em torno de 40 alunos dependendo para se formar de Natação I. Porque eles tinham que fazer Natação I e Natação II, mas eles tinham que fazer essa parte para poder ser aprovado. (RAMOS, 2012, Depoimento)

Basicamente, o curso de Natação I era eminentemente prático, pois visava ensinar os que não sabiam nadar e aperfeiçoar os que já nadavam ou foram atletas. O professor Waldyr Ramos também discorreu sobre algumas características da disciplina Natação II, dentre elas a baixa quantidade de teoria:

A Natação II era uma disciplina em que se dava mais a parte de salvamento, a parte prática de salvamento, e tinha uma prova de 1.000m. A gente passava por um treinamento e tinha que fazer uma prova de 1.000m que você escolhia o estilo, tinha uma tabela de tempos por nota, para você fazer. Então, tinha muito pouca discussão teórica. (RAMOS, 2012, Depoimento)

O curso de Natação II visava preparar o futuro professor para possíveis acidentes em uma aula na piscina (por isso é que havia as técnicas de salvamento) e também formar “didaticamente” o professor para que ele soubesse ensinar a nadar. Compreende-se, assim, a preocupação do professor com a parte teórica do curso, que, em sua opinião, apresentava-se de forma insuficiente.

Ao relatar um pouco sobre sua prática, o professor Álvaro Barreto apresentou algumas características da(s) disciplina(s) que era(m) de sua responsabilidade, destacando a relação entre os conhecimentos práticos e biomédicos do curso:

Na Ginástica, nós tínhamos toda base, a coluna vertebral da Educação Física era a ginástica (...) então, essa ginástica era a Ginástica Localizada, como foi chamado. E essa ginástica localizada, normalmente, atendia a parte das pessoas adultas, porque vinham procurar o professor de Educação Física dizendo o seguinte: “Olha, eu estou obesa, estou um pouco flácida, então, eu gostaria de melhorar isso.” E, normalmente, a ginástica, ela vinha com essa orientação dos exercícios, né? Para que o jovem futuro professor, juntamente com outras disciplinas: de Anatomia, de Fisiologia, de Psicologia, Biologia, então todas essas (...) Cinesiologia, Biomecânica, que hoje é chamado. Estes exercícios, essa formação dava a ele condições de poder fazer um trabalho de melhorar a saúde dessa pessoa que nos procurava. (BARRETO, 2010, Depoimento)



Outro aspecto que pode ser identificado no discurso do professor Álvaro Barreto diz respeito ao caráter utilitário da Educação Física, para a promoção da saúde, combate à obesidade etc. Com relação a essa “importância” ou “responsabilidade” da área, a professora Margarida Menezes também apresentou em sua fala indícios de que no período em tela trabalhava a partir de algumas dessas concepções:

Um aluno meu de Educação Física Desportiva⁵, da Escola de Comunicação, ele era um desses alunos que se projetavam porque tinha facilidade de se comunicar, e ele chegou e me disse: “Professora, a senhora sabia que eu trabalho até altas horas?” E eu respondi: “Não, estou sabendo agora que você está me dizendo (...)” Ele falou: “Porque eu não tenho tempo para fazer Educação Física Desportiva (...)” E eu perguntei: “Mas como não tem tempo? *Tem “n” horários incompatíveis com os horários de trabalho de cada pessoa, e isso vai ser bom para você, para ter energia em tudo que você vai trabalhar. Eu não vou te dispensar (...).*” Ele falou: “*A senhora não pode (...).*” E eu falei: “*Porque eu acredito no que eu faço, se eu deixar você fazer o que você quer, eu não estarei acreditando naquilo que faço e o que representa isso para você.*” Aí ele brigou comigo e começou a fazer. Quando terminou a Educação Física Desportiva, 06h45min, estava ele nadando na piscina (...). (MENEZES, 2012, Depoimento, grifos nosso)

É relevante, neste momento, problematizar e questionar algumas representações apresentadas pelos professores, no que se relaciona ao período pelo qual os mesmos passavam e ao tipo de atividades narradas por eles. O leitor familiarizado com as discussões voltadas para a Educação Física no período do Governo militar (1964-1985) certamente irá perceber uma relação entre o discurso apresentado pelos professores e os imperativos técnicos, esportivos e utilitários destacados em alguns trabalhos da área que analisam o período ditatorial.

Sendo assim, reconhece-se que o período do governo militar, impulsionado principalmente por suas políticas públicas, provavelmente tenha utilizado o esporte como uma forma de divertir/entreter a população e tenha contribuído para a constituição de um corpo acadêmico afinado com as prescrições do regime (PELEGRINI, 2008). Um exemplo dessas prescrições pode ser visto no Plano de Educação Física e Desportos (PED/1971), o qual,

⁵O Decreto nº 69.450/1971 determinava a obrigatoriedade da Educação Física em todos os níveis de ensino (PAIVA, 1985). No caso da EEFD, foi criada uma espécie de disciplina com coordenação própria chamada Educação Física Desportiva, a qual possuía a responsabilidade de “receber” os estudantes dos outros cursos da UFRJ.



segundo Pinto (2003), apresentava uma visão do esporte capaz de solucionar os problemas da vida cotidiana, além da concepção da área como essencial para o desenvolvimento da saúde.

Também não se desconsideram possíveis usos do esporte relacionados à formação de valores humanos (PINTO, 2012) ou voltados para a distração da população (ROSA, 2006). Outro fator a ser considerado é sobre a presença, no período do Governo militar, de periódicos científicos como a Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (TABORDA DE OLIVEIRA, 2001) e a Revista de Educação Física da EsEFEx (REI, 2013), representando tentativas de propagar a prática esportiva na área⁶.

Especificamente no caso da EEFD, embora parecesse sofrer pouca influência tanto de militares quanto de “braços” do regime dentro da Escola, a instituição não estava imune a algumas representações que poderiam ser reflexos do governo ou permanências do passado da Escola. Algumas dessas representações podem ser vistas nos movimentos cívicos que faziam parte da rotina da instituição.

O professor Waldyr Ramos chamou a atenção ainda para exercícios e atividades de conotação militar em algumas disciplinas da EEFD em sua época de aluno, como se pode identificar no seguinte trecho:

A gente tinha momentos de se unir, de cantar o hino nas festas principais, na Escola em cada aula tinha ordem unida, antes das aulas práticas. Então, a gente tinha ordem unida. Por exemplo, nas aulas de Ginástica, os professores de Ginástica, principalmente esses, eram muito severos na questão da ordem unida. Eu, por exemplo, não servi o Exército. Fugi do Exército por causa do treinamento (...). Então, eu não sabia marchar, não sabia virar à direita, à esquerda, fazia uma confusão. Tive que aprender isso aqui, porque os caras exigiam que a gente marchasse como soldado e se perfilasse como soldado, descansar. Os professores tinham uma influência militar muito grande porque muitos foram treinados pelos militares. Alguns, não todos. (RAMOS, 2012, Depoimento)

Além de rotinas cívicas e atividades com características militares durante as aulas, parece que a Escola e, principalmente, os alunos também não estavam imunes a algumas situações que seriam no mínimo questionáveis e curiosas tratando-se de um ambiente de

⁶ Em seus respectivos trabalhos, os autores questionaram as influências das revistas em determinados aspectos da Educação Física no período do Governo militar. Para mais informações, ver o trabalho de Taborda de Oliveira (2001), sobre a Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, e de Rei (2013), sobre a Revista de Educação Física da EsEFEx.



formação de professores, como, por exemplo, a discussão para a implementação de um programa de tiro ao alvo.

Além dessas características apresentadas pelos professores, os próprios docentes destacaram outros pontos que poderiam se considerados como “desvios” (DE CERTEAU, 1982) ou estratégias (DE CERTEAU, 1994) ao ministrar determinada disciplina.

Antes de entrar efetivamente nesse “outro lado da moeda” ou no “avesso das práticas”⁷, ressalta-se que este trabalho não tem o intuito nem de caracterizar esses professores como heróis que transformaram sua prática pedagógica nem de percebê-los como peças perfeitamente encaixadas em um quebra-cabeça montado a partir das representações difundidas no período do governo militar. Desse modo, concorda-se com Taborda de Oliveira (2001) ao notar que a história, vista por cima, “pouco espaço deixa para a configuração de formas particulares de correlação de forças” (p. 61).

Evita-se, portanto, analisar esses eventos de forma abstrata, generalista ou de uma maneira em que os acontecimentos/fatos seriam (des)encadeados a partir de uma linearidade (ROSA, 2006). Sendo assim, destaca-se a relevância de se considerar momentos e espaços de criação e recriação, ainda que limitados e sem grandes significados políticos, por parte desses professores (TABORDA DE OLIVEIRA, 2001).

Um primeiro indício de “desvio” percebido na fala de todos os entrevistados foi a preocupação, ao ministrar as disciplinas, em formar professores(as) de Educação Física. Dessa forma, até mesmo uma matéria eminentemente prática poderia trazer preocupações que ultrapassariam a ideia de formar o aluno/atleta, como se percebe no seguinte trecho:

(...) eu peguei todas as fases, o que mudou agora foi que um aluno que sabe nadar, veja bem, eu tive diversos nadadores, grandes nadadores que chegavam e diziam: “A senhora vai me dispensar, porque eu já nado e sou campeão de natação.” E eu falava: “Você é campeão de natação, mas a sua função não é de campeão, é de ensinar.” (...) eu não abria a guarda (...). (MENEZES, 2012, Depoimento)

Após a discussão sobre as disciplinas teórico-práticas, o professor Waldyr destacou uma de cunho teórico, também lecionada por ele: a disciplina Estudos dos Problemas Brasileiros:

⁷ O termo “avesso” foi baseado nas reflexões de Paulilo (2007).

Paradoxalmente, quando a Maria Lenk se aposentou, ela dava aula de EPB. Eu tive que dar aula de EPB, Estudos dos Problemas Brasileiros. Porque o Departamento fez um sorteio lá e eu fui o sorteado. Eu nunca sou sorteado em nada, mas fui sorteado para dar aula de Estudos de Problemas Brasileiros. Porque naquela época a gente tinha, como na Educação Física, dois semestres obrigatórios de EPB para todos os cursos. Então, EPB I (Estudos de Problemas Brasileiros I) era oferecida pelo Centro de Ciências da Saúde. Eram palestras no Quinhentão⁸, no auditório no Quinhentão, palestras gerais, eram convidados que vinham. E aqui na faculdade quem dava era a professora Maria Lenk, ela dava o curso geralmente com convidados. Ela trazia convidados, ela tinha muita influência, conhecia muita gente. Trazia figurões e dava aula com figurões. Quando eu assumi a disciplina, olha foi uma benção eu ter assumido a disciplina. O que eu aprendi, o que eu estudei. (...) Eu modifiquei o curso todo, eu passei a não dar o curso em forma de palestras. Eu tornei o curso com uma dinâmica completamente diferente. (RAMOS, 2012, Depoimento)

O professor Waldyr Ramos apresentou alguns aspectos do curso de EPB que podem esclarecer e colocar em dúvida alguns pontos dessa disciplina. Provavelmente, a disciplina Estudos dos Problemas Brasileiros não conseguiu em seus dois cursos o objetivo pretendido, uma vez que o curso era dado de forma fragmentada, dividido entre duas unidades. Além disso, o professor foi sorteado para dar aula nesse curso, logo, não tinha uma formação prévia para lecionar essa matéria, utilizando, assim, estratégias (DE CERTEAU, 1994) para a reformulação da disciplina.

Outro “desvio” (DE CERTEAU, 1982) ou “avesso” (PAULILO, 2007) notado na formação se deu em relação à divisão das aulas por sexo. Dos quatro entrevistados, três se recordaram da separação por sexo nas aulas, mas destacaram a existência de turmas mistas, formadas, inclusive, por iniciativa própria de alguns professores. A professora Margarida Menezes ressaltou que essa divisão não acontecia apenas para os alunos, pois há indícios de que em algumas disciplinas, como no caso de Natação, os professores ministravam aulas para alunos de seus respectivos gêneros, ou seja, os professores para os alunos e as professoras para as alunas. Essa característica não aparece no Regimento e tampouco foi comentada por outros professores, mas um acontecimento ocorrido em um dia de avaliação fez com que a professora realizasse uma alteração “informal” na disciplina:

Não, primeiro só turmas femininas, depois passei a pegar (...) o que aconteceu em uma época na natação e era a Diretora, a Maria Lenk. Eu tinha

⁸ Quinhentão é o nome de um auditório situado na Ilha do Fundão, que pertence ao Centro de Ciências da Saúde (CCS). O CCS e a EEFD são unidades muito próximas, localizadas na Ilha do Fundão.



a mania de ficar por ali na piscina, mesmo que eu não tivesse dando aula, e era aula dos rapazes, e um aluno que sabia nadar fazendo prova para outros não sabiam, e foi por isso que passou a ser a Margarida junto com o masculino também (...). (MENEZES, 2012, Depoimento)

Esse trecho apresenta um exemplo de como o acaso (DE CERTEAU, 1982) e o entrecruzamento de acontecimentos (DELGADO, 2006) podem influenciar determinados eventos históricos. Nota-se que a referida professora alterou sua prática a partir de uma ação rotineira, porém permeada por uma peculiaridade ocorrida naquele dia. Ainda que o intuito fosse fiscalizar a disciplina, uma professora mulher participando de uma aula prática com homens já representava uma ruptura, mesmo que pequena, em relação às prescrições oficiais.

Quando questionado sobre esse assunto, o professor Affonso Pereira comentou que a divisão por sexos era condicionada no início, mas que mesmo assim teve experiências com uma turma mista. Embora essa junção de gêneros tenha sido considerada pelo professor Affonso como algo pouco relevante, por ser mais condicionada às normas e até mesmo devido a uma “criação militarista”, isso não excluiu a possibilidade de outros professores alterarem “estrategicamente” (DE CERTEAU, 1994)⁹ sua prática, unindo em uma mesma aula alunos dos dois sexos. O professor Waldyr Ramos relatou que foi um precursor ao unir os sexos masculino e feminino em uma única aula:

As turmas eram turma feminina e turma masculina. Nas disciplinas teóricas não. Em Anatomia funcionávamos juntos. Mas nas disciplinas da Escola de Educação Física, a gente era separado. Isso vigorou, essa separação de sexos (...) porque entravam 50 homens e 50 mulheres (...). Essa separação vigorou até 1987, fui eu como diretor que propus acabar com isso. O primeiro que misturou tudo fui eu também. Em Polo Aquático, que era uma disciplina de escolha, por pressão dos alunos. (RAMOS, 2012, Depoimento)

Quando questionados se havia alguma disciplina ou temática que se apresentava como relevante no currículo, os entrevistados apresentaram um discurso dividido, pois dois desviaram o foco da conversa e outros apontaram algumas temáticas. No caso da professora Margarida, ela desviou o foco e preferiu falar sobre como as disciplinas eram organizadas pelos departamentos, sem especificar se alguma tinha maior relevância, até mesmo em relação à carga horária, depois a professora comentou que, na verdade, havia conteúdos que eram

⁹ Utiliza-se a categoria de estratégia porque se entende que o ambiente de aula para o professor é um espaço onde ele tem a possibilidade de projetar suas ações e, a partir disso, modificar elementos de sua prática.



responsabilidade de cada unidade e, no caso da EEFD, provavelmente a responsabilidade seria a prática, como se pode identificar:

Olha, na minha opinião, a Faculdade de Educação dava Prática de Ensino, e ela ministrava isso com alunos de todas as unidades da Universidade, que faziam licenciatura. Então a Faculdade de Educação absorvia, como a Medicina absorvia Anatomia e etc. (MENEZES, 2012, Depoimento)

Inicialmente, o professor Álvaro Barreto afirmou não existir no curso disciplinas de maior impacto, mas depois destacou que em determinados períodos as matérias de caráter prático eram mais valorizadas, enquanto a teoria seria mera coadjuvante no curso:

As cargas horárias são necessárias de acordo com o tempo de duração que elas vão ter quando elas vão ser administradas. Todas elas são importantes na formação dos jovens, do ser humano. (...) *mas houve uma importância muito grande em um determinado momento, porque antigamente o curso era eminentemente prático. Mais prática do que teoria. A teoria era importante também, mas ela vinha como coadjuvante.* (BARRETO, 2010, grifos meus, Depoimento)

Já o professor Waldyr Ramos respondeu prontamente, especificando de forma clara quais temáticas possuíam maior carga horária e importância na formação, apesar de achar que a distribuição das disciplinas entre os períodos fosse equilibrada:

As disciplinas da área médica sempre tiveram uma carga horária razoável. Por exemplo, Anatomia tinha o que tem hoje, 120 horas. A gente tinha dois períodos de Anatomia, Fisiologia. Mas elas não eram maiores do que (...) eu acho que a distribuição era bem equilibrada. Eu acho que existia muita prática (...). (RAMOS, 2012, Depoimento)

Uma questão a ser problematizada é como os professores mais antigos percebiam a carga horária das disciplinas biomédicas e práticas. Isso foi notado no discurso da professora Margarida e do professor Affonso, e também na mudança de resposta do professor Álvaro, que alterou seu depoimento depois de alguns refinamentos na formulação da questão e de refletir um pouco sobre o assunto. Como o leitor pôde perceber, o único que prontamente identificou essa diferença foi o professor Waldyr Ramos, sujeito que vivenciou o período estudado tanto como aluno/monitor quanto como professor. Embora essas preocupações não correspondessem ao debate de quarenta anos atrás, percebe-se uma relativa reflexão dos professores ao olhar para o seu próprio passado a partir da memória.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, os resultados apontaram para uma série de peculiaridades e “desvios” que caracterizaram essa formação, demonstrando que nem sempre as prescrições oficiais pareciam se apresentar de forma similar na prática. Ainda que o Regimento prescrevesse o curso em aulas masculinas e femininas, praticamente todos os professores entrevistados afirmaram dar aulas para o sexo oposto ou para turmas mistas.

Já a disciplina Estudos dos Problemas Brasileiros apresentou desajustes, que começavam pela formação de seus docentes e se estendiam ao processo de organização das aulas. Percebeu-se também uma relativa ênfase para uma formação esportiva e biomédica, porém com “desvios” ocasionados, em parte, pela atuação dos docentes da instituição, responsáveis por criar e recriar suas práticas a partir das possibilidades e condições existentes no referido contexto.

THE SCHOOL OF PHYSICAL EDUCATION AND SPORTS OF THE UFRJ IN THE MILITARY GOVERNMENT (1972- 1979): MEMORIES OF A TEACHER’S FORMATION COURSE

ABSTRACT

This research aims to investigate the discourse about the practice of the teacher’s formation course in the School of Physical Education and Sports of the UFRJ between 1972 and 1979. The theoretical references were based in studies related to the Oral History and the Memory. The results present a large number of peculiarities and “switches” in the formation, showing some incongruities between the official prescriptions and the practice.

KEYWORDS: *History of Physical Education; Teacher’s formation; School of Physical Education and Sports of the UFRJ.*

LA ESCUELA DE EDUCACIÓN FÍSICA E DEPORTES DE LA UFRJ EN EL PERIODO DEL GOBIERNO MILITAR (1972-1979): MEMORIAS DE UN CURSO DE FORMACIÓN DE PROFESORES

RESUMEN

El trabajo tuvo como objetivo investigar los discursos relacionados a la práctica del curso de formación de profesores de la Escuela de Educación Física e Deportes de la UFRJ en el periodo del gobierno militar entre 1972 y 1979. Fue adoptado como referencial teórico los estudios que comprenden la Historial Oral y la Memoria. Los resultados presentaran muchas



peculiaridades y “desvíos” en la formación, demostrando incongruencias entre las prescripciones oficiales y la práctica.

PALABRAS CLAVES: Historia de la Educación Física; Formación de profesores; Escuela de Educación Física e Deportes de a UFRJ.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.

BRASIL. *Decreto-Lei nº 1.212* de 17 de abril de 1939. Cria, na Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos.

DE CERTEAU, M. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELGADO, L. *História oral: memória tempo e identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FÁVERO, M. L. *Universidade do Brasil: das origens à construção*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2010.

FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FIGUEIREDO, P. *Maria Lenk: a Professora que marcou a História da Educação Física no País*. Disponível em: <<http://www.eefd.ufrj.br/conhecendo-a-eefd/1286>>. Acesso em: 30/ 10/ 2012.

JOUTARD, P. Desafios à História oral do século XXI. IN: FERREIRA, M.; FERNANDES, T.; ALBERTI, V. (org). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p. 31-46, 2000.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

LOZANO, J. Prática e Estilos de Pesquisa Histórica Oral Contemporânea. IN: AMADO, J. & FERREIRA, M. (Orgs). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

MELO, V. *Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma Possível História*. Campinas: Dissertação [Mestrado em Educação Física], Universidade Estadual de Campinas, 1996.

MOTTA, M. História e Memórias. In: MATTTOS, M. (Org.). *História: pensar e fazer*. Niterói: Laboratório Dimensões da História, 1998.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Khoury. *Projeto História*, São Paulo: PUC-SP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PAIVA, P. *Avaliação dos Fatores que Afetam a Educação Física Curricular nas Universidades Federais Brasileiras Segundo a Concepção de seus Coordenadores*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado/EEFD-UFRJ, 1985.

PAULILO, A. O avesso da norma: indolentes, vadios, imprudentes e outros tipos escolares. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 15, p. 117-136, 2007.

PELEGRINI, T. *Educação física, ciência e hegemonia: uma análise das políticas públicas para o ensino superior e para a pós-graduação (1969-1985)*. Maringá: Dissertação [Mestrado em Educação], Universidade Estadual de Maringá, 2008.

PINTO, J. *Memórias de professores/as de educação Física sobre formação e práticas pedagógicas (1950 a 1970)*. Minas Gerais: Tese [Doutorado em Educação], Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

PINTO, J. *Representações de Esporte e Educação Física na Ditadura Militar: Uma Leitura a Partir da Revista de História em Quadrinhos DEDINHO (1968-1974)*. Minas Gerais: Dissertação [Mestrado em Educação Física], Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

PINTOR, J. *A Criação da ENEFD na Universidade do Brasil e sua Inserção na Política do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Dissertação [Mestrado em Educação Física], EEFD/UFRJ, 1995.

POLLAK, M. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15 1989.

RAMOS, W. A setuagenária Escola de Educação Física e Desportos. *Revista Arquivos em Movimento*. Rio de Janeiro, v.5, n.1, p. 154-163, 2009.

REI, B. *Lutas de representações sobre o desenvolvimento de uma prática: a Educação Física escolar brasileira em revista (1976-1979)*. Rio de Janeiro: Dissertação [Mestrado em Educação Física], EEFD/UFRJ, 2013.

ROSA, J. *Nas Vozes de um Mesmo Tempo: A Educação Física Institucionalizada no Período da Ditadura Militar em Cacequi - RS*. Santa Maria: Dissertação [Mestrado], Universidade Federal de Santa Maria, 2006.

TABORDA DE OLIVEIRA. *A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968–1984) e a Experiência Cotidiana de Professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: Entre a Adesão e a Resistência*. São Paulo: Tese [Doutorado em Educação], Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

VIEIRA, M. *et al. A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 2000.